

# PARA QUE SE LÊ EM UM SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL? SISTEMATIZANDO ALGUNS ACHADOS DA PESQUISA

Thiago Moura Camilo<sup>1</sup>

Claudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto<sup>2</sup>

Este artigo é o recorte de uma pesquisa que teve como objetivo compreender a promoção da leitura junto aos alunos do ensino fundamental – anos finais pelos professores das diferentes áreas curriculares. A pesquisa sobre leitura inseriu-se no contexto de uma investigação financiada pelo CNPq/CAPES que teve o duplo objetivo de compreender as elaborações dos professores para o trabalho com a leitura ao mesmo tempo em que pretendeu compreender aspectos relativos à formação de leitores e escritores na escola básica. Nos limites desse texto, apresentaremos análises dos dados produzidos em sala de aula e sistematizados no que se referem à finalidade das atividades de leitura de textos mediadas pelos professores de um sexto ano do ensino fundamental.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública estadual mineira, que atendia aproximadamente 1400 alunos do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, divididos em três períodos. Como procedimentos de coleta de dados, foram utilizadas gravações de áudio, filmagens e anotações de campo a fim de registrar as práticas de leitura em sala de aula, especificamente nas disciplinas de Ciências, História, Geografia, Língua Portuguesa e Matemática, durante o quarto trimestre escolar no ano de 2013.

O trabalho desenvolvido assume a perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin, por compreender que essa abordagem possibilita a compreensão da interação verbal instaurada pela leitura, em suas condições concretas de produção realizadas tanto pelo professor como pelos alunos em sala de aula. Metodologicamente, analisaremos as atividades que envolviam leitura de textos entendidos como uma sequência verbal escrita, buscando identificar a finalidade das diferentes leituras promovidas pelos professores. Os dados produzidos evidenciaram que havia promoção da leitura em sala de aula, mas tratava-se de uma leitura cuja finalidade se voltava para as especificidades de cada disciplina. Esse modo de conceber a leitura evidencia uma concepção de linguagem voltada para busca de informações no texto, quando poderia privilegiar o processo de interação entre os sujeitos.

## A leitura

O presente trabalho compreende que ler, na perspectiva bakhtiniana, é cotejar textos, uma vez que “toda palavra (todo signo) de um texto conduz para fora dos limites desse texto” (BAKHTIN, 1997, p. 404). E o cotejo de um texto com outros textos produz a compreensão, o comentário, a réplica, o diálogo. Por isso considerar, com Bakhtin, que “compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo” (Idem, p. 404). Fiorin (2008, p. 6) sintetiza as ideias de Bakhtin quanto à leitura, considerando que ler é “colocar-se como participante do diálogo que se estabelece em torno de um determinado texto”.

Nesse sentido, Ometto (2010), pautada em Bakhtin, ressalta que ensinar leitura é determinar a dinâmica interlocutiva que ocorre em torno de um texto em determinadas condições. Esse movimento “implica considerar a centralidade, mas não a exclusividade do

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [thiagocamilo3@hotmail.com](mailto:thiagocamilo3@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [cbometto@yahoo.com.br](mailto:cbometto@yahoo.com.br).

texto como fonte de sentidos e a especificidade das condições de produção da leitura nas relações escolares e em seus determinantes mais amplos” (OMETTO, 2010, p. 34).

Numa concepção dialógica da linguagem, é fundamental contemplar as relações entre os sujeitos no interior do funcionamento da própria língua, uma vez que nesse processo os sujeitos são vistos como agentes sociais, que têm no texto o próprio lugar da interação. Todavia a leitura de um texto não deve ficar presa nos seus próprios limites; pelo contrário, o movimento em que se instaura a leitura é dotado de cotejamento de experiências, de contextos e da realidade dos sujeitos inseridos neste processo interativo.

Em específico à escola, a leitura está presente nas práticas de todas as disciplinas, destacando-se como uma habilidade necessária ao desenvolvimento do aluno. Consideramos, neste contexto, o importante papel da escola na constituição de leitores proficientes, pois ela é uma instituição cuja função consiste na socialização do saber sistematizado, do conhecimento elaborado e da cultura erudita (SAVIANI, 2005).

Assim, entendemos que a escola é um lugar de ensino e, por isso, fundamental para o desenvolvimento da linguagem. Britto (1997) considera que a função da escola deve ser a de garantir ao aluno o acesso à escrita e aos discursos que se organizam a partir dela, mas para que isso ocorra é preciso inserir o sujeito em um ambiente onde a escrita prevalece em seu meio.

### **Alguns dos achados da pesquisa**

Tematizada a leitura, apresentamos uma análise dos dados produzidos em sala de aula e sistematizados no que se refere às atividades que envolviam leitura de textos entendidos aqui como “uma sequência verbal escrita formando um todo acabado, definitivo e publicado” (GERALDI, 1997, p. 101), buscando identificar a finalidade das diferentes leituras promovidas pelos professores.

Através dos dados produzidos, pudemos perceber que as práticas de leitura efetuadas pelos diferentes professores se resumiam a objetivos específicos: explicar conteúdo da disciplina; responder e corrigir exercícios; e produzir textos.

Considerada prática pedagógica escolar clássica, a leitura realizada pelo aluno para fins de explicação de conteúdo foi comum a todos os professores como modo de ensino e sistematização do saber. Esse movimento de apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações é que torna essencial o papel da escola e do professor ensinando, explicando, assegurando a aquisição de instrumentos que facilitem o acesso ao saber elaborado, bem como o acesso aos elementos básicos desse saber. E a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber é aprender a ler e a escrever (SAVIANI, 2005).

A explicação do conteúdo específico a cada disciplina valeu-se como elemento básico do trabalho docente, pois já é uma prática comum a transmissão oral do conteúdo pelo professor. Isso porque os alunos estão habituados à “explicação” do professor logo após a leitura de um determinado texto. Essa “explicação” pode se referir ao esclarecimento de uma informação ou de termos específicos a cada disciplina e também ao acrescento de informações não presentes no texto lido.

Esta forma de “explicação” foi verificada na disciplina de História, em que um aluno, espontaneamente, realizava a leitura do texto em voz alta. Ao término de sua leitura, o professor iniciava a explicação do conteúdo, explicitando o contexto histórico (Igreja Medieval), esclarecendo alguns termos lidos — como *clero*, *hierarquia* e *heresia* —, e acrescentando informações ao texto, como definindo e exemplificando, a pedido de um aluno, o termo *feudo*, que não constava no texto lido.

Essa forma de utilização da leitura para explicação de conteúdo também foi observada na disciplina de Ciências. Além dos textos dispostos no material didático, a professora incentivava os alunos a buscar informações complementares em outros livros e, até mesmo, na internet. Esses textos pesquisados também eram lidos em voz alta pelos alunos em sala de aula e também contribuíam para a explicação e ampliação dos conteúdos.

Também nas disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia, e Matemática os professores fizeram uso da leitura de texto para fins de explicação do conteúdo, no entanto esses professores não acrescentavam informações aos textos. Por exemplo, em Língua Portuguesa, os alunos receberam cópia do conteúdo referente à classe de palavras dos numerais. A professora revisou as classes já estudadas (substantivo, adjetivo e artigo) e disse aos alunos que os numerais seriam estudados “por alto” porque eles já os teriam aprendido na disciplina de Matemática. Assim, como forma de explicação, a professora apenas repete as informações presentes no texto lido pelo aluno. Mesmo movimento que ocorre nas disciplinas de Geografia e Matemática, em que cada aluno lia um trecho do texto e os professores repetiam as informações sem definir ou comentar os termos destacados.

A leitura também foi utilizada com o propósito de responder aos exercícios de interpretação ou de corrigir as atividades propostas. Isso porque esse modelo de leitura também se constitui modalidade tipicamente escolar. Geraldi (1997) classifica esse movimento como “leitura – busca de informações”, em que o leitor vai ao texto para extrair dele informações (ou respostas) com ou sem roteiro previamente elaborado (os exercícios de interpretação). Essas informações podem ser extraídas a partir da superfície do texto, com uma simples leitura, ou em um nível mais profundo desse texto, em que as informações/respostas dependem não só da leitura desse texto, como também do cotejamento com outros textos ou com outras informações, assim como proposto por Bakhtin (1997).

No que tange às práticas de leitura nas aulas observadas, normalmente após a explicação de conteúdo, o professor pedia que os alunos respondessem às atividades a título de interpretação, como em Matemática, Geografia e Ciências; e na sequência realizavam novamente a leitura das atividades a fim de corrigi-las oralmente, como em Língua Portuguesa e História. Embora seja uma prática de leitura comum aos professores, entendemos que a mesma não determina a dinâmica interlocutiva em torno do texto, bem como não contribui para que o aluno replique ao texto, pois refere-se a uma prática de leitura cujo foco se direciona, essencialmente, à interpretação, à localização de informação em textos e de sua repetição ou cópia em respostas de questionários, orais ou escritos. A compreensão, que deveria ser o foco da leitura, envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais, conhecimentos linguísticos para além dos fonemas (ROJO, 2004) e réplicas ao texto, conforme já exposto com Bakhtin (1997).

O terceiro objetivo das práticas de leitura, nas aulas observadas, compreendia a produção de um outro texto, fosse ele um cartaz, um resumo ou uma síntese. Esta forma corresponde, de acordo com Geraldi (2011), à “leitura-pretexito, aquela em que um texto serve de pretexito para o desenvolvimento de outras atividades, como produção de outros textos, dramatizações de narrativas, ilustrações de histórias e desenhos. Embora este autor considere plausível que a escola utilize a leitura como pretexito, a fim de dessacralizar os textos com nossas leituras, verificamos que esta não é uma prática tão comum na escola, visto que não exige apenas capacidades de decodificação como o discernimento entre a escrita e outras formas gráficas, domínio das convenções gráficas, conhecimento do código utilizado, fluência e rapidez na leitura. Requer também capacidades de compreensão, como ativação de conhecimentos de mundo do aluno, a pesquisa, a localização e a comparação de informações importantes, resultantes daquele determinado texto lido ou de outros textos. Para produção de texto, como

resumo ou síntese, esta comparação de informações é fundamental para se determinar quais informações serão retidas (ROJO, 2004).

### **Considerações acerca do vivido**

No contexto da pesquisa, constatamos que a leitura para produção de texto ocorria, principalmente, na disciplina de Ciências, uma vez que os alunos liam não só textos presentes no material didático, como também liam textos dispostos na internet e em diferentes edições da revista *Ciências Hoje para Crianças*. A partir dessas leituras, os alunos elaboravam resumos para posterior leitura na sala de aula; elaboravam também a escrita das pesquisas sobre assuntos previamente escolhidos pela professora; anotavam entrevistas que faziam com parentes ou amigos acerca de determinado assunto, como remédios naturais; e também produziam cartazes para exposição de temáticas diferentes, como o sedentarismo, por exemplo.

Outra disciplina em que a leitura para produção de textos foi utilizada, porém em menor intensidade, foi na disciplina de História. Após a leitura silenciosa de um texto da seção “História e Reflexão”, presente no material didático, o aluno, orientado pelo professor, deveria elaborar uma síntese, selecionando e organizando as principais ideias do texto lido. Em outros momentos, o professor também solicitava a pesquisa por escrito de um assunto, como a honra na Idade Média, e sua posterior leitura em sala de aula.

Posto isto, reiteramos que a leitura para produção de textos não é uma prática muito frequente, visto que esta modalidade de leitura foi verificada apenas nas disciplinas de Ciências e História que, mesmo superficialmente, apresentaram o *querer-dizer* dos alunos através de diferentes gêneros como o resumo, o cartaz, a entrevista, a pesquisa e a síntese. Estas escolhas foram determinadas, como nos aponta Bakhtin (1997), em função das especificidades das atividades de leitura propostas pelos professores dessas disciplinas e do intuito de seus locutores que se adaptaram aos gêneros previamente definidos.

Consideramos, a partir das práticas de leitura observadas, que os professores tentam promover a leitura, mas é uma leitura cuja finalidade se volta para explicação do conteúdo específico a cada disciplina, para responder ou corrigir exercícios ou mesmo para produzir textos. Esse modo de conceber a leitura evidencia uma concepção de linguagem voltada para busca de informações no texto, quando poderia privilegiar o processo interlocutivo que ocorre em torno de um determinado texto (OMETTO, 2010).

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

\_\_\_\_\_. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OMETTO, Cláudia B. C. Nascimento. **A leitura no processo de formação de professores: um estudo de como o conceito de Letramento foi lido e significado no contexto imediato da disciplina Fundamentos Teórico-Metodológicos de Língua Portuguesa, do curso de Pedagogia**.

Campinas, 2010, 183 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

ROJO, Roxane H. R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE CENP, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.